

CATOLICISMO ROMANO



À LUZ DAS ESCRITURAS

Introdução

A autoridade das Escrituras

Salvação

O Papado

Mariolatria

INTRODUÇÃO

“Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que conhecem bem a verdade.” (1Tm 4.1-3)

A palavra católico vem do grego *katholikos*, que quer dizer “universal”. No nome *catolicismo romano* já observamos uma contradição. Lorraine Boetner, em seu livro “Catolicismo Romano”, cita o Dr. John Gerstner que escreveu: “... rigorosamente falando, *católica romana* é uma contradição de termos. Católico significa universal; romano significa particular”. Quero, neste estudo, analisar as principais doutrinas católicas com as Escrituras e mostrar a total incompatibilidade que existe entre a fé dos evangélicos e a fé dos católicos. O profeta Amós perguntou: “*Andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?*” (Am 3.3) Não estou pregando a intolerância religiosa, o respeito pelo próximo é uma marca cristã, o direito a escolha religiosa é um direito inegociável. Refiro-me a tentativa ecumênica de unir

evangélicos e católicos numa só igreja. Um artigo na Internet divulgou que “João Paulo II vem manifestando interesse em aproximar-se de judeus e evangélicos”. A proposta ecumênica dos católicos é de mão única. Estes estão interessados que os evangélicos, por exemplo, aceitem o Papa como cabeça da igreja e muito mais. A meta do ecumenismo é a união de todas as igrejas em uma só Igreja Mundial. É impossível aceitar essa proposta sem abrir mão daquilo que é básico em nossa fé. Sabemos, pelas Escrituras, que o Anticristo virá sobre as asas do ecumenismo se colocando como líder religioso mundial dizendo ser o Cristo.

PEQUENO HISTÓRICO

A igreja católica, que conhecemos hoje, é o resultado de alterações feitas à partir da igreja primitiva. Segundo Aurélio, “... o catolicismo romano é a religião que reconhece o Papa como autoridade máxima, que se expande por meio de sacramentos, que venera a virgem Maria e os santos, que aceita os dogmas como verdades incontestáveis e fundamentais e que tem como ato litúrgico mais importante a missa”. O que essa igreja tem em comum com a igreja primitiva? Nada! Durante os primeiros séculos cristãos ocorreram muitas perseguições, isto cooperou para que a igreja se mantivesse fiel as Escrituras. Este período é chamado de era patrística, ou era dos pais da igreja. Halley fala de Policarpo (69-156 d.C.), discípulo de apóstolo João que foi queimado vivo por se recusar a amaldiçoar a Cristo. Policarpo falou: “oitenta e seis anos faz que sirvo a Cristo e Ele só me tem feito bem, como podia eu, agora, amaldiçoá-lo, sendo Ele meu Senhor e Salvador?”

A corrupção no cristianismo começou já em meados do século III, onde houve o primeiro rompimento sério dos cristãos, por causa da introdução dos batismos de crianças. O rompimento foi chamado de “desfraternização”. No século IV, Constantino ascendeu ao posto de Imperador. Este apoiou o

cristianismo e fez o mesmo religião oficial do Império Romano. Assim sendo, muitos ímpios se tornaram cristãos por motivos políticos e escusos. Constantino convocou em 325 d.C. o Concílio de Nicéia onde surgiu o catolicismo romano influenciado por doutrinas pagãs. Como pôde haver essa junção entre o cristianismo e Roma? Roma que sempre foi centro de idolatria em que seus imperadores eram considerados deuses. Alcides Peres conta que em 326 d.C., um ano depois do Concílio, Constantino vai a Roma para celebrar o vigésimo ano de seu reinado. Por intriga palaciana, manda prender seu filho Crispo, que é logo julgado, condenado e morto pelo próprio pai... Foi esse homem que deu origem a esta junção do catolicismo com o romanismo. Muitas doutrinas estranhas continuaram a penetrar no catolicismo romano. Fazendo que cada vez mais a igreja católica se distanciasse de sua origem. Citarei alguns exemplos dando datas aproximadas.

A oração pelos mortos começou a ser aceita por volta de 300 d.C.

O começo da exaltação a Maria onde o termo “mãe de Deus” surgiu pela primeira vez em 431 d.C.

A doutrina do purgatório em 593 d.C. A adoração da cruz, imagens e relíquias em 786 d.C.

A canonização dos santos mortos em 995 d.C. O celibato do sacerdócio em 1079 d.C. E assim em diante...

No século XVI ocorreu a tão conhecida reforma protestante que é sempre lembrada no dia 31 de outubro por ser a data que Lutero em 1517 d.C. colocou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Essas teses combatiam principalmente a compra de indulgências. Segundo Earle E. Cairns: “A indulgência era um documento que se adquiria por uma importância em dinheiro e que livrava aquele que a comprasse da pena do pecado.” O pecador deveria arrependendo-se, confessar o seu pecado ao sacerdote, e ainda pagar uma certa quantia para assim obter o perdão, tratando desta forma o sacrifício na cruz como nada.

Lutero combateu isto com veemência baseando-se em Romanos 1:17, ensinando que só a fé em Cristo justifica. Com a reforma a Bíblia foi traduzida para a língua do povo. Antes a Bíblia era negada ao povo sob a desculpa que só o sacerdote podia interpretá-la corretamente. A supremacia da Bíblia em todas as questões de fé e prática foi enfatizada (*sola scriptura*) assim combatendo a idéia que a tradição e as interpretações dos clérigos teriam o mesmo valor que as Escrituras. Lorraine Boettner escreveu: “O protestantismo como surgiu no século dezesseis não foi o começo de alguma coisa nova, mas o retorno ao cristianismo bíblico e à simplicidade da igreja apostólica da qual a igreja católica se afastou há muito tempo.”

A autoridade das Escrituras

Para começo de conversa é bom falarmos sobre a autoridade da Bíblia segundo o catolicismo. Segundo o catolicismo existem três grandes autoridades para o ensino: **a tradição da igreja, o magistério e as Escrituras Sagradas**. Para eles a Bíblia sozinha não é suficiente. Raimundo F. de Oliveira cita o Padre Benhard que em 1929 escreveu: “A Bíblia não é a única fonte de fé, como Lutero ensinou no séc. XVI, porque sem a interpretação de um apostolado divino e infalível, separado da Bíblia, jamais poderemos saber, com certeza, quais são os livros que constituem as Escrituras inspiradas, ou se as cópias que hoje possuímos concordam com os originais. A Bíblia em si mesma, não é mais do que letra morta, esperando por um intérprete divino... Certo número de verdades reveladas têm chegado a nós, somente por meio da tradição divina.”

“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida,

e da cidade santa, que estão escritas neste livro.” (Ap. 22.18 e 19)

Conforme temos visto, para o catolicismo romano, a Bíblia não é a única regra de fé. A revelação, segundo eles, está apoiada no seguinte tripé: **as escrituras, a tradição da Igreja e o magistério**. Ainda tiram da Bíblia o valor de ser a autoridade final. Observe a declaração do catecismo de 1994: “O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida (tradição) foi confiado unicamente ao magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo, isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma.” Ou seja, para os católicos, a interpretação dos magistrados é superior as Escrituras Sagradas. Paulo nos advertiu: “*Mas ainda a que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já tenho anunciado, seja anátema.*” (Gl 1.8). E em Rm 3.4 está escrito “...sempre seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso.” Além desse tripé errôneo, existe o fato da Igreja Católica possuir livros *apócrifos* em sua Bíblia.

A palavra “apócrifo” vem do grego *apokrupha* que significa “coisas ocultas”. Porém com o decorrer do tempo foi adquirindo o significado de “espúrio” e “não-puro”. Os livros apócrifos estão inseridos no Velho Testamento fazendo que o Velho Testamento deles tenham 46 livros enquanto o nosso têm 39 livros. Os apócrifos são: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, 1º e 2º de Macabeus, seis capítulos e dez versículos acrescentados no livro de Ester e dois capítulos de Daniel. Foi no Concílio de Trento em 15 de abril de 1546, em sua quarta sessão que a Igreja Católica declarou estes livros sagrados. Quero dar quatro razões para não aceitarmos esses livros como inspirados por Deus.

Esses livros não estão no cânon hebraico. A palavra “cânon” significa literalmente “cana” ou “vara de medir”. Esta palavra, com o tempo, passou a classificar os livros que são considerados genuínos e inspirados por Deus. Sendo assim

os hebreus consideram os livros apócrifos como não inspirados por Deus.

Não há no Novo Testamento nenhuma citação desses livros. Jesus e os apóstolos não citaram uma vez sequer um trecho incluído nesses livros. Assim mostrando que não eram considerados genuínos por Cristo ou pelos apóstolos.

Doutrinas contrárias as escrituras são baseadas nesses livros, tais como: a intercessão pelos mortos, a intercessão dos santos, a salvação pelas obras, etc.

Os católicos não foram unânimes quanto a inspiração divina nesses livros. No Concílio de Trento houve luta corporal quando este assunto foi tratado. Lorraine Boetner (in Catolicismo Romano) cita o seguinte: “O papa Gregório, o grande, declarou que primeiro Macabeus, um livro apócrifo, não é canônico. O cardeal Ximenes, em sua Bíblia poliglota, exatamente antes do Concílio de Trento, exclui os apócrifos e sua obra foi aprovada pelo papa Leão X. Será que estes papas se enganaram? Se eles estavam certos, a decisão do Concílio de Trento estava errada. Se eles estavam errados, onde fica a infalibilidade do papa como mestre da doutrina?”

Salvação

Como o Catolicismo Romano vê a salvação? Adolfo Robleto (in: O Catolicismo Romano) destaca: “Na Igreja Católica, no entanto, o tema da salvação não ocupa um lugar proeminente. Os esforços se encaminham para o sentido de que o povo católico, não falte à igreja e faça obras de caridade.” Segundo o catolicismo a salvação é adquirida de três formas básicas:

1ª) graça de Deus, 2ª) fé e obras e 3ª) a igreja e seus sacramentos.

Graça de Deus – A palavra graça significa favor imerecido e gratuito. É algo concedido por Deus de forma

gratuita sem qualquer mérito humano. *“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras para que ninguém se glorie.”* (Ef 2.8 e 9). Por sua vez, a Igreja Católica não vê a graça como um favor gratuito e imerecido. O fiel para receber a graça de Deus precisa ser ligado a Igreja Católica e participar dos sacramentos, sendo só desta forma que Ele pode receber a graça de Deus. Caso não receba a graça, o fiel não poderá ser salvo. Mas as Escrituras deixam bem claro que sendo a salvação pela graça, não pode ser ao mesmo tempo pelas obras. *“E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça.”* (Rm 11.6).

Fé e obras – Segundo o catolicismo a fé em Cristo não é suficiente para se adquirir a salvação. É necessário também realizar caridades, esmolas e participar dos sacramentos. No Concílio de Trento (1546-1563) saiu o seguinte decreto: “Se alguém disser que a fé é justificadora não é nada mais que confiança na misericórdia divina que cancela o pecado em nome de Cristo somente; ou que esta confiança sozinha basta para sermos justificados, que seja anátema.” O catolicismo chama de maldito aquele que crê que a fé em Cristo sozinha é suficiente para justificá-lo diante de Deus. Mas nas Escrituras está escrito: *“Sendo pois justificados pela fé, tenhamos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.”* Cristo pouco antes de morrer na cruz disse: “...está tudo consumado”. Mostrando assim que o homem não precisaria fazer mais nada para adquirir a salvação. Pois Ele *“veio buscar e salvar o que se havia perdido”* (Lc 19.10). A salvação não pode ser comprada pelas obras humanas. *“Ou quem lhe deu primeiro a Ele, para que seja recompensado?”* (Rm 11.35). Quem crê na salvação pela fé em obras está dizendo que Cristo morreu em vão (Gl 2.21). Adolfo Robleto escreveu: Qual é então a relação entre a fé e as obras? É a seguinte: a fé é a raiz; as obras são o fruto. A fé nos justifica para com Deus; as obras evidenciam essa fé diante dos homens. Deus vê o coração; os homens vêem as

obras da fé no viver. Fazemos boas obras depois que cremos que somos salvos, e não antes da fé para sermos salvos. Em conclusão: as obras não produzem a salvação, mas, sim, são um resultado um resultado dela.” Veja Ef 2.10.

A igreja e seus sacramentos – No catecismo de 1994 está escrito: “Toda salvação vem de Cristo–cabeça, através da igreja, a qual é o seu corpo; apoiado na Sagrada Escritura e na tradição (o Concílio) ensina que esta igreja, agora peregrina na terra, é necessária a salvação... por isso não podem salvar-se, aqueles que, sabendo que a igreja católica foi fundada por Deus através de Jesus Cristo, como instituição necessária, apesar disso não quiserem entrar nela ou perseverar.” Nas Escrituras não há nenhuma indicação que alguém deve entrar numa igreja para obter salvação. A salvação só é por meio de Cristo (At 4.12; Jo 3.36; Jo 5.24; Jo 20.31; At 10.43; I Ts 5.9 etc.). Depois de salvo o cristão deve se ligar a uma igreja realmente cristã para ter comunhão com seus irmãos em Cristo (Hb 10.25, I Jo 1.5-7 e I Jo 4.20 e 21). A palavra sacramento vem do latim *sacramentum* que antigamente tinha dois significados básicos:

Algo que era separado para um propósito sagrado

Era um juramento que o soldado fazia ao Imperador de Roma ao ingressar no exército.

No século V, Agostinho começou a elaborar as doutrinas dos sacramentos, que ele definiu como “a forma visível de um graça invisível” (*signum visibile de gratia invisible*). Só no ano de 1439, no Concílio de Florença, foi que os sete sacramentos foram oficializados pelo catolicismo. Sendo os sete sacramentos: **batismo**, **crisma** ou **confirmação**, **penitência**, **eucaristia** ou **missa**, **matrimônio**, **unção de enfermos** ou **extrema-unção** e **santas ordens**. Segundo o catecismo de 1994, “a Igreja afirma que para os crentes os sacramentos da nova aliança são necessários à

salvação.” Os sete sacramentos são nada menos que uma séria de boas obras que os católicos crêem que precisam fazer para alcançar a salvação. Mas em Rm 3.20 está escrito: *“Por isso nenhuma carne será justificada diante Dele pelas obras...”* Ao criar esta doutrina o catolicismo forma uma espécie de salvação sacerdotal, pois os sacramentos só podem ser ministrados pelos “sacerdotes” católicos. Transformando os sacerdotes católicos em mediadores entre Deus e os homens. O que é uma tremenda heresia: *“Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.”* Analisaremos brevemente cada sacramento.

Batismo

Os católicos crêem que o batismo é necessário a salvação, que sem o batismo a pessoa está condenada ao inferno. No concílio de Trento foi decretado: “As crianças se não forem regeneradas para Deus através da graça do batismo, quer seus pais sejam cristãos ou infiéis, nascem para miséria e perdição eternas.” Quão terrível é esta doutrina! Já nós, evangélicos, cremos que estando a criança na fase da inocência vindo falecer esta irá para o céu. *“Por que dos tais é o reino dos céus.”* (Mt 19.14).

O batismo é para quem crê. Enquanto a criança não tiver como decidir sobre a sua fé em Cristo, esta não pode ser batizada. A afirmação que o batismo salva é totalmente equivocada. O batismo é para os salvos e só a ausência de fé em Cristo é que condena. *“Quem crer e for batizado será salvo, quem não crê será condenado.”* (Mc 16.16)

Crisma ou Confirmação

Segundo eles, é um ato de aprofundamento em Cristo para todos aqueles que já foram batizados. No catecismo de 1994 está escrito: “a confirmação aperfeiçoa a graça batismal;

é o sacramento que dá o Espírito Santo para enraizar-nos mais profundamente na filiação divina; incorporar-nos mais firmemente a Cristo, tornar mais sólida a nossa vinculação com a Igreja...” Preste atenção! Segundo eles, este sacramento concede o Espírito Santo. Por isto no crisma o bispo impõe suas mãos sobre a cabeça da pessoa com o propósito de transmitir o Espírito Santo. Não existem nenhum ritual, nas Escrituras, que aprofunde alguém espiritualmente. A filiação divina não é aprofundada por um ritual mas é conseguida plenamente no momento em que se crê em Cristo. É o que está escrito em João 1.12: *“Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome.”* E é neste momento que recebemos o Espírito Santo. *“Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres e todos temos bebidos de um Espírito.”*

Penitência

Segundo o catolicismo é a maneira de remover a penalidade dos pecados cometidos depois do batismo e crisma. O padre depois de ouvir a confissão dos pecados recomenda aos fiéis penitências como: orações, ofertas, ajuda ao próximo ou algum tipo de privação. No catecismo de 1994 está escrito: *“A absolvição tira o pecado, mas não remedia todas as desordens que ele causou. Liberto do pecado, o pecador deve ainda recobrar a plena saúde espiritual. Deve, portanto, fazer alguma coisa mais para reparar seus pecados; deve satisfazer de modo apropriado ou expiar seus pecados. Esta satisfação chama-se também penitência.”* Esta doutrina é uma verdadeira aberração. O sacrifício de Cristo é único e suficiente (Hb 10.12).

Eucaristia ou missa

Lorraine Boetner cita o catecismo de Nova York que diz o seguinte: “Jesus Cristo nos deu o sacrifício na cruz da missa para que a sua Igreja tenha um sacrifício visível que prolongue o Seu sacrifício na cruz até o fim dos tempos. A missa é o mesmo sacrifício que o sacrifício da cruz. A santa comunhão é participar do corpo e do sangue de Jesus Cristo sob a aparência de pão e vinho”. Vemos que para os católicos a eucaristia ou missa é onde Cristo volta a ser crucificado para que os benefícios da cruz se apliquem continuamente aos seus participantes. Na epístola aos Hebreus capítulo 9 vemos Jesus sendo comparado aos sacerdotes no templo. Porém o autor mostra que Cristo é superior aos sacerdotes, sendo Ele o Sumo Sacerdote perfeito que ofereceu-se uma vez.

Observe:

“Nem também para si mesmo oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio. Doutra maneira, necessário lhe fora padecer desde a fundação do mundo; mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos...” (Hb 9.25-28).

No versículo 12 afirma que entrou “*uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.*” A redenção é eterna então não há necessidade de rituais para que a redenção continue. Ensina a teologia católica a *transsubstanciação* (alteração de substância) durante a eucaristia. Após a consagração dos elementos, pão e vinho, e a recita feita pelo padre das palavras de Cristo, “*isto é o meu corpo*” e “*isto é o meu sangue*”, o pão se transforma na carne de Cristo e o vinho no sangue de Cristo.

Esquecem os católicos que Jesus Cristo, em pessoa, instituiu a ceia do Senhor e pronunciou as palavras: “isto é o meu corpo e o meu sangue.” Se a transubstanciação fosse verdadeira, Cristo teria comido a sua própria carne e bebido do seu próprio sangue. Isso seria impossível, pois Cristo estava em pessoa celebrando a ceia e seria um absurdo comer o próprio corpo e beber do próprio sangue. Cristo foi bem claro “*fazei isto em memória de mim*”. Se é “em memória” é forçoso admitir que Cristo não estava presente nos elementos: pão e vinho. (Lc 22.19 e 20). Paulo ao instruir sobre a ceia do Senhor chamou o pão de pão e vinho de vinho. Note bem: “*Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha*” (I Co 11.26). E ainda, em algumas passagens da Bíblia vemos a ceia do Senhor sendo chamada de “o partir do pão” e não o partir do corpo (At 2. 46).

Os católicos costumam usar como base bíblica para a eucaristia, as seguintes palavras de Cristo: “*Porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida*” (Jo 6.55). É claro que Cristo falou estas palavras no sentido figurado, ou será, que Cristo pregou o canibalismo. Mas os católicos, ainda insistem, pois Cristo falou “verdadeiramente”. Como Cristo também falou: “*Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o lavrador.*” (Jo 15.1) Cristo é uma planta? Não. Fica evidente que Ele usou o sentido figurado como usou em Jo 6.55. O capítulo 6 de João é o registro da multiplicação de pães. A multidão começou a seguir a Jesus por causa do pão terreno. Mas Cristo queria lhes oferecer o pão espiritual: “*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede*” (Jo 6.35). É claro que Jesus falou no sentido espiritual como também falou em Jo 6.55.

Os católicos ainda crêem que ao participar da eucaristia os fiéis têm a purificação dos pecados presentes, preservação dos pecados futuros e ainda ajudam os mortos. No catecismo de 1994 está escrito: “O sacrifício eucarístico é também

oferecido pelos fiéis defuntos que morreram em Cristo e não estão ainda plenamente purificados, para que possam entrar na luz e na paz de Cristo.” As Escrituras são claras ao dizer que todos os pecados são removidos através do sangue de Cristo (veja I Jo 1.7 e Ap 1.5.)

Matrimônio

Sem dúvida alguma, Deus instituiu o casamento, sendo este a primeira instituição divina, quando uniu Adão e Eva (Gn 2.23 e 24). Uma coisa é considerar o casamento uma instituição divina. Outra coisa, totalmente diferente, é considerar o casamento como sacramento (meio de graça). Os católicos crêem que quando seus “sacerdotes” realizam seus casamentos, a graça de Deus vem através dos mesmos.

Com este tipo de pensamento, os católicos só consideram os casamentos realizados pelos seus sacerdotes. O erro de considerar o casamento como um sacramento se deu por um erro de tradução da *Vulgata* (versão latina das Escrituras, traduzida por Jerônimo) que traduziu Efésios 5.32 como “Este é um grande sacramento” enquanto a tradução correta é “Este é um grande mistério”. Sabemos que a Igreja Católica costuma cobrar uma taxa para realizar casamentos.

Unção dos enfermos ou extrema unção

Segundo o catolicismo, é um meio de conferir graças aos enfermos, anciãos e moribundos, ajudando assim no perdão dos pecados. Normalmente é ministrado pelo “sacerdote” a pessoa que está à beira da morte. O “sacerdote” unge os olhos, nariz, mãos e pés enquanto recita uma “oração especial” em latim. Este ritual visa diminuir a quantidade de pecados da pessoa devendo o restante ser “pago” pelos parentes através das missas. Em nenhum lugar das Escrituras vemos a recomendação para a realização desse ritual. O sangue de Cristo é suficiente para perdoar os pecados e não

precisa de “óleo sagrado” para aperfeiçoar este. Na Bíblia, existe a recomendação de orar pelo enfermo com o uso do óleo (sendo o óleo apenas um símbolo do Espírito Santo) mas não para o perdão dos pecados, e sim, para cura do corpo. (Tg 5.14-16)

Santas ordens

Segundo o catolicismo é ato de conferir graça especial e poder espiritual aos padres, bispos, arcebispos, cardeais e papas. Fazendo destes sacerdotes, portanto, representantes de Cristo na terra. A idéia do sacerdócio é do Antigo testamento, onde os sacerdotes basicamente exerciam três funções:

Ofereciam sacrifícios no santuário diante de Deus em benefício do povo.

Ensinavam a lei de Deus.

Buscavam a vontade de Deus.

O sacerdócio era uma sombra ou tipo daquele que haveria de vir – Cristo. Com a vinda de Cristo não há necessidade nenhuma de sacerdotes. Em Hb 9.11 e 12 está escrito: *“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito de mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue dos bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”*. E em Hb 9.24 está escrito: *“Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos de homens, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer por nós perante a face de Deus.”*

O sacerdote era uma espécie de mediador dos homens diante de Deus. Hoje temos um único mediador: *“Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.”* (I Tm 2.5). Hoje cada crente pode ir a

Deus através de Cristo. “*Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e o que bate, se abre.*” (Mt 7. 7 e 8). Diante dessas irrevogáveis verdades bíblicas, pasmem com que está escrito no Concílio de Trento:

“O sacerdote é o homem de Deus, o ministro de Deus... Aquele que despreza o sacerdote despreza Deus; aquele que o ouve, ouve a Deus. O sacerdote perdoa pecados como Deus, e aquilo que ele chama de seu corpo no altar é adorado como Deus por ele mesmo e pela congregação... Está claro que a sua função é tal que não se pode conceber nenhuma maior. Portanto, eles não são simplesmente chamados de anjos, mas também de Deus, mantendo como fazer o poder e autoridade do Deus imortal em nós.”

Pura blasfêmia! Ainda leia o que está escrito num livro romano citado por Lorraine Boettner:

“Sem o sacerdote, a morte e a paixão de nosso Senhor não teria nenhum valor para nós. Veja o poder do sacerdote! Através de uma palavra dos seus lábios ele transforma um pedaço de pão em Deus! Um fato maior que a criação do mundo. Se eu me encontrasse com um sacerdote e um anjo, eu saudaria o sacerdote antes de saudar o anjo. O sacerdote ocupa o lugar de Deus.” Pura blasfêmia!

Purgatório

A doutrina do purgatório teve o seu início no Concílio de Florença (1439). Lá foi estabelecido a diferença entre o pecado cometido e a tendência inata para o pecado. Chegando-se a conclusão que o perdão (conseguido através da confissão ao sacerdote e a participação dos sacramentos) acaba com o pecado, mas não acaba com a má tendência. Há portanto, a necessidade do purgatório, um lugar intermediário entre o céu e a terra, onde os fiéis que ainda tenham alguma dívida e a má tendência para o pecado, irão sofrer no fogo do purgatório, até a purificação completa.

O autor John M. Haffert (livro: Saturday in Purgatory) escreveu: “Não há menor dúvida que os sofrimentos do purgatório em alguns casos duram através de séculos inteiros.” Sobre o sofrimento do purgatório, o manual da sociedade do purgatório registra: “Segundo os santos padres da igreja, o fogo do purgatório não difere do fogo do inferno, exceto quanto à sua duração. É o mesmo fogo, diz S. Tomás de Aquino, que atormenta os réprobos no inferno e o justo no purgatório. A dor mais amena no purgatório, ele diz, ultrapassa os maiores sofrimentos desta vida. Nada além da duração eterna torna o fogo do inferno mais terrível do que o purgatório.” Segundo os católicos as orações e esmolas dos vivos e o “sacrifício da missa” ajudam a diminuir o tormento do purgatório. Como será que os católicos encaram a morte? Se eles pensam que depois da morte vão encarar o purgatório.

Os teólogos tentam basear a doutrina do purgatório nos livros de Macabeus e em algumas passagens das Escrituras. Sabemos que Macabeus é um livro apócrifo e espúrio. Quanto às passagens das Escrituras, os católicos usam o fato de existir um pecado imperdoável (blasfêmia contra o Espírito Santo) e a passagem de I Co 3.15. Quando Cristo chama a blasfêmia contra o Espírito Santo de pecado imperdoável, não faz referência nenhuma ao purgatório, que segundo os católicos seria, o lugar onde este pecado seria perdoado. Pelo contrário, Jesus disse: “*Não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro*” (Mt 12.32) e “*nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo.*” (Mc 3.29). Quanto a passagem de Coríntios, Paulo trata da questão dos galardões e não da salvação. Tanto que mesmo que as obras se queimem “*o tal será salvo, todavia como pelo fogo.*”

Quero destacar três argumentos bíblicos que liquidam a doutrina do purgatório:

A suficiência do sacrifício de Cristo

Não há como crer na suficiência do sacrifício de Cristo e na doutrina do purgatório ao mesmo tempo. Só pode se crer em um e descartar o outro. Cristo falou: *“Porque o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”* (Lc 19.10). Ele veio salvar, não se tem nenhuma necessidade do purgatório para aperfeiçoar a salvação que Cristo trouxe. Paulo escreveu: *“Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.”* (I Tm 1.15). Cristo na cruz disse: *“Está tudo consumado”*, mostrando assim que cumpriu a sua missão.

Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo (Rm 8.1 e Jo 3.18).

É na presente vida que a salvação ou a condenação é definida (Hb 9.27).

Observamos que o catolicismo não fica satisfeito com nada. Não crê que o sacrifício de Cristo foi o suficiente para a nossa salvação, nem fica satisfeito com a sua própria mirabolante doutrina dos sacramentos. Para eles há necessidade do purgatório, enquanto a Bíblia é bem mais simples afirmando que Cristo satisfez a justiça divina (Rm 3.21-26), não havendo necessidade de mais nada.

O Papado

Os primeiros aspectos que quero analisar sobre o papado são os títulos que estes carregam e as reivindicações que fazem para si. A palavra “papa” vem do latim *papa* que significa “pai”. Cristo foi bem claro que ninguém poderia ser chamado de pai espiritual a não ser Deus: *“E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso pai, o qual*

está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso mestre, que é o Cristo.” (Mt 23.9 e 10).

O papa também é chamado de “doutor supremo de todos os fiéis”, o que vai contra o que Cristo ordenou, citado logo acima. São muitos títulos equivocados e arrogantes que o papa carrega em seus ombros. Estarei comentando mais alguns, tais como: “**vigário de Cristo**”, “**sumo-pontífice**” e “**santo padre**”.

A palavra “vigário” quer dizer “substituto”. O papa é chamado de “vigário de Cristo”, ou seja, “substituto de Cristo”. Cristo afirmou claramente que o seu substituto na terra seria a pessoa do Espírito Santo (Jo 14.16-18, Jo 15.26 e Jo 16.7 e 13). O título “pontífice”, que quer dizer literalmente “construtor de pontes”, não veio da Bíblia mas do romanismo, onde o imperador declarava-se o elo de ligação a Deus. O papa é chamado de sumo-pontífice, ou seja, o máximo elo de ligação a Deus. É uma blasfêmia e arrogância um homem se colocar nesta posição. Só Cristo é a ponte para Deus (Jo 14.6 e I Tm 2.5) e o cabeça da Igreja (Ef 1.22 e 23 e Cl 1.18). O título “santo padre” quer dizer “santo pai”, ou obviamente “pai santo”. Sem dúvida alguma este título só deve ser dado a Deus (Ap 15.4). Pois Deus não divide a Sua glória com ninguém (Is 42.8). Para resumir as pretensões papais, quero citar o catecismo de New York citado por Lorraine Boettner:

“O papa assume o lugar de Jesus Cristo sobre a terra... Por direito divino o papa tem poder supremo e total na fé e na moral sobre cada e todo pastor e seu rebanho. Ele é o verdadeiro vigário de Cristo, o cabeça de toda a igreja, o pai e o mestre de todos os cristãos. Ele é o governador infalível, o instituidor dos dogmas, o autor e o juiz dos concílios; o soberano universal da verdade, o árbitro do mundo, o supremo juiz do céu e da terra, o juiz de todos, sendo julgado apenas por um, o próprio Deus na terra.”

No apogeu do papado, foi “consagrado” ao papado o monge Hildebrando que exerceu o papado no período de 1073 a 1075 como título de Gregório VII. Assim que assumiu,

Gregório VII publicou as suas máximas que ficaram sendo conhecidas como “máximas de Hildebrando”. Segundo o autor Abraão de Almeida (in: Lições da História) essas máximas são consideradas a essência do papado. Este mesmo autor cita as máximas das quais transcrevi algumas:

Nenhuma pessoa pode viver debaixo do mesmo teto com outra excomungada pelo papa.

É o papa a única pessoa cujo os pés devem ser beijados por príncipes e soberanos.

A sua decisão não pode ser contestada por ninguém e que somente ele pode revisar.

A Igreja Romana nunca errou nem jamais errará, como as Escrituras testifica (Leia Obadias nos versículos 3 e 4).

Pedro como o primeiro papa

Vimos os títulos equivocados e arrogantes que o papa carrega sobre si. Agora veremos que a própria existência do papado é uma deturpação das Escrituras. É impossível abordar este assunto sem falar a respeito do trecho bíblico em que os católicos se baseiam para firmar a doutrina do papado: “*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*” (Mt. 16.13-20). Os católicos pegam esta afirmação de Cristo para afirmar que Pedro é a pedra ou rocha em que Cristo fundamentou a sua igreja, sendo assim o primeiro papa da igreja. Quando Cristo falou “...esta pedra...” não estava se referindo a Pedro, mas sim à anterior declaração de Pedro a respeito de Jesus – “*Tu és o Cristo, O Filho do Deus vivo*”. Cristo é a pedra fundamental da igreja. Paulo afirmou: “*Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.*” (I Co 3.11). No grego, a palavra Pedro é *petros*, do gênero masculino, enquanto pedra ou rocha é *petra*, do gênero feminino. O que Cristo disse: “*Tu és Petros (masculino), e sobre esta petra (feminino) eu edificarei a minha igreja.*”

Mostra-se assim que Cristo não estava falando de Pedro como a pedra ou rocha, mas sim a respeito da declaração de Pedro – “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Se Pedro fosse a rocha, Cristo teria dito: “*sobre ti edificarei a minha igreja*”, mas não disse. É interessante observar que na narrativa de Marcos a frase de Cristo: “*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*”, é omitida (Mc 8.27-30). Marcos por muito tempo foi companheiro de Pedro e no seu evangelho há uma profunda influência do mesmo. Pedro chamava Marcos de filho (I Pe 5.13). Pedro em nenhum momento disse de si mesmo como a rocha ou pedra da igreja. Pelo contrário, sempre mostrou a Cristo como a pedra: “*Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posto como cabeça de esquina*” (At 4.11). Veja também I Pe 2.4-8.

Há também a afirmação católica que Pedro teria recebido as chaves do céu. É outra deturpação das Escrituras, baseada em Mateus 16.19: “*Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.*” Não podemos entender a declaração de Cristo como se esta fosse somente dirigida a Pedro, mas esta é dirigida a toda igreja. Veja Mateus 18.15 a 18. Fica então patente aos nossos olhos que o ligar e desligar não refere-se apenas a um homem, mas à toda igreja, que têm a Cristo como cabeça, “*...o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre*” (Ap 3.7).

O que seria abrir e fechar ou ligar e desligar que Cristo fala que a igreja realizaria com respeito as pessoas? O que se segue: quando a igreja prega o evangelho, abre o reino; quando deixa de pregar, o fecha. Isto fica bem claro quando observamos o “ai” de Cristo a respeito dos fariseus. “*Mais ai de vós escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entrais nem deixais entrar aos que estão entrando.*” (Mt 23.13). Porque os fariseus fechavam o reino? Por não divulgarem corretamente as

Escrituras, o Antigo Testamento, naquela época. Veja: “*ai de vós, doutores da lei, que tiraste a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.*” (Lc 11.52). Observamos que quando a igreja prega o evangelho genuíno esta abre o reino dos céus, quando não, o fecha.

Ao analisarmos o trecho bíblico de Mt 16.13-20, devemos partir para a análise da afirmação católica que Pedro foi o primeiro papa. Se ele realmente foi o primeiro papa, o foi de maneira totalmente diferente dos padrões papais. Há um abismo enorme entre Pedro e os seus pretensos sucessores. A verdade é que Pedro não foi o primeiro papa e a ordenação de um dirigente humano universal para a igreja está totalmente contrária às Escrituras.

Jorge Buarque Lyra (in: Catolicismo Romano) argumentou muito bem: “Poderia, acaso, de alguma forma, um homem ser fundamento de uma obra divina? Se pudesse (admitindo-se o absurdo), tal obra deixaria de ser divina.”

Vejamos as seguintes características de Pedro:

- **Pedro não era celibatário.** Tanto que teve sogra curada por Cristo (Mc 1.29-31). O papa é celibatário, sendo o celibato uma imposição a todo o clero. Em 1Timóteo está escrito: “*Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demônios; ...proibindo o casamento.*”
- **Pedro era pobre.** “E disse Pedro: *Não tenho prata nem ouro...*” (At 3.6). O papa está cercado de riquezas.
- **Pedro nunca esteve em Roma.** Não é interessante observar que o chefe da igreja de Roma nunca esteve em Roma? Os católicos lançam mão de fontes extra-bíblicas para afirmar que Pedro esteve em Roma.
- **Pedro nunca consentiu que ninguém se ajoelhasse a seus pés.** “*E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo, e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te,*

que eu também sou homem.” (At 10.25 e 26). O papa constantemente recebe este tipo de reverência e adoração.

- **Pedro não era infalível.** *“E, chegando Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e se apartando deles, temendo os que eram da circuncisão.”* (Gl 2.11 e 12). O papa é considerado infalível. A infalibilidade papal foi definida e aceita oficialmente em 1870 no Concílio do Vaticano I. A Igreja Católica demorou 1870 anos para considerar o papa infalível. É importante observar que não foi Deus que decidiu mas foram homens pecadores reunidos que chegaram a conclusão que o papa era infalível. Na Bíblia está escrito: *“porque todos pecaram e destituídos da glória de Deus”* (Rm 3.23) e ainda está escrito que quando dizemos que não temos pecado fazemos a Deus mentiroso. Veja: *“Se dissermos que não pecamos fazemo-lo mentiroso, e a Sua palavra não está em nós.”* (I Jo 1.10).
- **Pedro não tinha a primazia na igreja.** Observe o que Pedro escreveu: *“Aos presbíteros, que estão entre vós, que sou também presbítero como eles e testemunha das aflições de Cristo...”* (I Pe 5.1). Em At 8.14 está escrito: *“Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a Palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João.”* Note bem: não foi Pedro que enviou alguns dos apóstolos, mas foram os apóstolos que lhe enviaram. Onde está a primazia de Pedro? Em At 11.1-18 vemos Pedro justificando-se perante a igreja. Quero destacar principalmente o versículo 2: *“E subindo Pedro a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão.”* Enquanto que a igreja Católica afirma que as decisões do papa não podem ser questionadas.

Mariolatria

Entre os inúmeros pontos de divergências que existem entre Católicos Romanos e Evangélicos, um se destaca: Maria. Os católicos praticam a adoração à Maria, dando um maior destaque à mesma do que a Cristo. Já os evangélicos a consideram como um exemplo de vida cristã e humildade. Paulo deixou a advertência: *“Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.”* (Rm 1.25) Maria é criatura. Cristo é Criador. *“Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam povos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado para Ele e por Ele.”* (Cl 1.16)

Veremos, neste estudo que as doutrinas católicas em relação à Maria carecem totalmente de base nas Escrituras. São doutrinas criadas por homens influenciados pelo paganismo. Adolfo Robleto escreveu bem: “Os egípcios tinham sua deusa Ísis; os fenícios, sua Astarte; os caldeus, sua Semíramis; os gregos, sua Ártemis; de maneira que o romanismo escolheu sua deusa feminina, e Maria foi a mais adequada para o caso.”

A Mariolatria católica está sustentada no seguinte tripé:

Imaculada Conceição de Maria,
Perpétua virgindade de Maria
Assunção de Maria ao céu.

Imaculada Conceição de Maria

Este dogma afirma que Maria nasceu sem pecado, ou seja, ela não herdou a mancha do pecado original, e ainda se manteve sem pecado por toda a sua vida. Atribuem assim à

Maria um atributo divino – a impecabilidade. Maria não poderia pecar e nunca pecou, segundo o catolicismo.

Este dogma só foi aceito oficialmente em 8 de dezembro de 1854, quando o papa Pio IX proferiu o seguinte:

“Declaramos e definimos que a bem-aventurada virgem Maria desde o primeiro momento de sua concepção, foi reservada imaculada de toda mancha do pecado original, por graça singular e privilégio do Deus Onipotente, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, e que esta doutrina foi revelada por Deus e, portanto, deve ser firmemente e constantemente crida por todos os fiéis.” Com base neste dogma, a Igreja Católica celebra a festa da Imaculada Conceição.

É interessante observar que nem Maria sabia dessa sua suposta imaculada concepção. No seu cântico diz: “e o *meu Espírito se alegra em Deus, meu Salvador.*” (Lc 1.47). Só um pecador é que necessita de um Salvador. Ela falou “...*Deus meu Salvador*”. Quando depois do nascimento de Cristo, Maria levou as duas ofertas que a lei mandava, a oferta queimada e a oferta pelo pecado. (Lc 2.22-24 e Lv 12.6-8). Mas se não tinha pecado, para que levar as ofertas? Nas Escrituras, em nenhum momento, se afirma que Maria não cometeu pecado. Pelo contrário: “*Pois todos pecaram e destituídos da glória de Deus.*” (Rm 3.23); “*Não há um justo, nem sequer um.*” (Rm 3.10). Só Cristo é identificado como o único sem pecado. “*Aquele que não conheceu pecado, Ele o fez pecado por nós: para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.*” (II Co 5.21).

Os católicos gostam de usar o texto de Gn 3.15: “*E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*”, para afirmar que Maria pisou a cabeça da serpente, ou seja, a cabeça do Diabo. Quando a promessa fala que é a semente da mulher (Jesus Cristo) que pisaria a cabeça da serpente. Veja Hb 2.14: “... *para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o Diabo.*” E

1Jo 3.8: “...para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo.” Fica claro que a promessa de Gn 3.15 refere-se a Cristo, e não à Maria. Cristo é o que pisaria a cabeça da serpente.

A perpétua virgindade de Maria

O segundo pé de apoio à doutrina católica sobre Maria é a sua perpétua virgindade. Os católicos afirmam que Maria, em toda sua vida, nunca conheceu sexualmente o seu esposo José. Fica evidenciado, nas Escrituras, que até o nascimento de Jesus, Maria foi virgem. Mas afirmar que ficou sempre assim é afirmar o que a Bíblia não afirma.

Em Mt 1.24 e 25 está escrito: “*E José, despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher: e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus.*” Há dois aspectos interessantes nestes versículos: 1º) O “...até...”; mostra que José conheceu sexualmente Maria depois do nascimento de Cristo; e 2º) Jesus é chamado de primogênito, ou seja, Jesus é chamado de o primeiro filho gerado por Maria, mostrando que Maria gerou outros filhos. Deus chama Jesus de unigênito (Jo 3:16), ou seja, o único filho gerado. Fica claro que Jesus é o único filho gerado por Deus e o primeiro filho entre os filhos de Maria.

Em diversas passagens vemos que Jesus teve irmãos e irmãs. “*Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizavam-se nele.*” (Mc 6.3). Veja também Mt 13.54-56. Paulo chegou a afirmar que os irmãos do Senhor eram casados (I Co 9.5). Por sua vez, os católicos crêem que quando se fala em irmãos, na verdade, está se referindo aos primos de Cristo, e que estes são filhos de uma irmã de Maria. Os católicos identificam três dos irmãos de Jesus com três dos discípulos que tinham os

mesmos nomes: Tiago, filho de Alfeu; Simão, o Zelote; e Judas, filho de Tiago (Lc 6.15 e 16).

O que é um tremendo equívoco, porque as Escrituras sempre mostram diferenças entre os discípulos e os irmãos do Senhor (Jo 2.12, Mt 12.46 e 47 e At 1.14) e a mais clara diferença está em Jo 7.5: “*Porque nem mesmo seus irmãos criam nele.*” Isto é um cumprimento da profecia messiânica em Sl 69.8: “*Tenho-me tornado como um estranho para com meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos de minha mãe.*” Como pessoas que eram os discípulos do Senhor não iriam crer no Senhor? Mostra-se assim que estes discípulos não eram irmãos do Senhor.

Nas referências do N. T. sobre os irmãos de Cristo, a palavra grega que sempre é usada é (adelfos) *ou* irmão, nunca se usou (sungenes), ou parente, conforme utilizada por Lucas em seu Evangelho 1:36, referindo-se a Izabel (traduzida corretamente por prima na versão RC); nem (anépsios) que é primo, palavra esta que Paulo usou em Cl 4.10 e que foi traduzida corretamente como primo.

Os católicos estão indo contra a essência do casamento quando afirmam que Maria e José nunca se conheceram sexualmente. A relação sexual no casamento é algo lícito e aprovado por Deus. Além do mais os católicos consideram o casamento como um dos sacramentos, caindo assim em contradição. Veja Gn 2.24: “*Portanto deixará o varão o seu pai e sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.*” Paulo recomendou que a abstinência sexual entre o casal durasse pouco tempo, em I Co 7.5: “*Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontidência.*”

A assunção de Maria

A teologia católica é uma verdadeira colcha de retalhos, um remendo leva a outro. Como consideram que Maria foi concebida sem pecado, e ainda que viveu sem pecar, chegaram a mirabolante conclusão que seu corpo na morte não experimentou a decomposição e nem permaneceu na sepultura. “Um abismo chama outro abismo.” Enquanto a profecia a respeito de Cristo diz: “*Nem permitirás que o teu santo veja corrupção*” (Sl 16.11) com referências em At 2.27-32 e At 13.33-37, fala a respeito do santo não ver a corrupção e nunca a uma santa não ver a corrupção.

Os católicos crêem que:

“No terceiro dia depois da morte de Maria, aproximadamente no ano 48 d/C, quando os apóstolos se reuniram ao redor de sua sepultura, eles a encontraram vazia. O sagrado corpo fora levado para o paraíso celestial. O próprio Jesus veio para levá-la até lá, toda a corte dos céus veio para receber com hinos de triunfo a mãe do divino Senhor. Que coro de exultação! Ouçam como eles cantam: Levantai-vos as vossas portas, ó príncipes, ó portas eternas para que a Rainha da Glória possa entrar.” (descrição da tradição católica citada por Lorraine Boettner).

É de deixar pasmo o fato da Igreja Católica criar um dogma sem nenhuma base nas Escrituras. Nenhum dos apóstolos citam essa criação fraudulenta. Depois de At 1.14 há um profundo silêncio nas Escrituras a respeito de Maria, não se fala na morte e muito menos na assunção de Maria. Como pode criar-se um dogma sem base nas Escrituras? Um dogma que só foi elaborado em 1º de novembro de 1950 pelo mariólatra Papa Pio XII. As Escrituras deixam claro que a glorificação dos santos só acontecerá depois da volta de Cristo e não fala que Maria seria uma exceção. Veja I Co 15.20-23:

“Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo na sua vinda.”

Os católicos ainda crêem que ao chegar aos céus Maria foi coroada “Rainha dos céus”. Este título nunca foi dado à Maria nas Escrituras. Pelo contrário, a Bíblia condena este título, que tinha sido dado a uma falsa deusa. “Os filhos apanham a lenha, e os pais ascendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos à **rainha dos céus**, e oferecem libações a outros deuses, para me provocarem à ira.” (Jr 7.18) Veja também Jr 44.17-23. Observamos que esse título mariano foi tirado de uma prática pagã totalmente condenada pela Bíblia.

Títulos Marianos

Quero concluir o assunto Mariolatria, analisando alguns títulos que o catolicismo atribui a Maria. Algo que fica flagrante é o fato da Igreja católica exaltar Maria e rebaixar o Senhor de toda criação, Jesus Cristo, tirando títulos exclusivos de Cristo e compartilhando-os com Maria. Tendo como base fábulas e tradições humanas que carecem de apoio das escrituras. Paulo recomendou a Timóteo: “*Rejeita as fábulas profanas...*” (I Tm 4.7).

Uma dessas fábulas o autor Alcides Conejeiro Peres (in: O Catolicismo Romano Através dos Tempos) nos conta:

“O caso das duas escadas vistas por Frei Leão é referido nas crônicas de São Francisco: uma escada branca e outra vermelha, que subiam ao céu. Pela escada vermelha iam as almas até certo ponto, mas nunca alcançavam o céu; subiam até certa altura, cansavam, desanimavam e caíam.

Então, lá no topo da escada branca, uma voz dizia às almas: 'Debalde tentais subir por esta escada; vinde pela escada branca.' E as almas, passando para a escada branca, iam com facilidade aos céus. Pasmem! No topo da escada vermelha estava Cristo; no topo da escada branca, Maria. Para o catolicismo, Maria é superior a Jesus.”

Enquanto nas Escrituras está escrito: “Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele.” (Cl 1.17) No novo catecismo da Igreja Católica lançado em 1993 está escrito: “Por isso, a bem-aventurada virgem Maria é invocada na igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Protetora e Medianeira.” Passaremos a análise dos títulos arbitrários que o catolicismo atribui a Maria.

Advogada

O catolicismo coloca Maria como intercessora junto a Cristo para interceder pelos pecadores. Enquanto a Bíblia é clara: *“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.”* (1 Jo 2:1) O título de advogado pertence a Cristo e não a Maria. Diga-me onde nas Escrituras Maria é chamado de advogada? Lembro-me de uma passagem nas Escrituras onde Maria foi interceder junto a Cristo e este respondeu: *“Mulher, que tenho contigo?”* (Jo 2.1-11). A função de intercessor junto ao Pai é exclusiva a Cristo.

Veja:

“Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.” (Rm 8:34)

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” (Hb 7.25)

Quando Estevão estava prestes a morrer, este disse: *“Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus.”* (At 7.56) Onde estava Maria? Ocupada com outras coisas? Na nova Jerusalém existirá um trono para o cordeiro (Cristo) e para Deus. Não se fala em nenhum momento que Maria estará junto ao trono: *“E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e o do Cordeiro.”* (Ap 22.1)

No catolicismo Maria é considerada mais compassiva que Jesus, por isto lhe é atribuído o papel de intercessora. Loraine Boettner descreve bem o pensamento católico: *“Maria, sendo mãe, é considerada possuidora de coração de mãe, e portanto, mais capaz de entender os problemas dos seus filhos, e Ele jamais pode recusar-se a atender qualquer favor que ela lhe pedir.”* Combato este pensamento católico, com uma simples pergunta: Quem demonstrou a humanidade ter maior amor? Cristo ou Maria?

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13)

Auxiliadora e Protetora

Esses pseudo-títulos atribuídos a Maria estão interligados. O minidicionário Luft dá o seguinte significado a palavra auxiliar: “ajudar” e “socorrer”. Maria socorre ou ajuda alguém? Onde está escrito isto nas Escrituras? Nas Escrituras está escrito: *“E assim com confiança ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem.”* Por que o autor de Hebreus não falou do auxílio da “senhora”? Porque tal auxílio não existe. Maria está esperando a volta de Cristo como todos aqueles que já dormiram no Senhor:

“Num momento, num abrir e fechar os olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos

ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” (I Co 15.52)

Não vemos na Bíblia Maria ajudando ou socorrendo, mas pelo contrário, precisando de auxílio. Cristo na cruz se preocupou com a segurança de Maria incumbindo João desta missão:

“Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem Ele amava estava presente, disse a sua mãe: mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.” (Jo 19.26 e 27).

No livro escrito pelo missionário católico S. Luis. Maria Grignon de Monfort (in: Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem) está escrito:

“O quarto favor que a santíssima virgem presta a seus fiéis servos é defendê-los e protegê-los de seus inimigos... Esta mãe e princesa poderosa enviaria antes batalhões de milhares de anjos em socorro de um só de seus servos, para que se não dissesse que um servo fiel, que a ela se confiou, sucumbiu à malícia, ao número e à força do inimigo.”

Não devemos trocar as Escrituras por nenhum outro livro. *“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.” (Gl 1.8)* O sr. Monfort anunciou um outro evangelho. Maria não pode proteger ninguém. Não pode enviar anjos. Em nenhuma passagem das Escrituras se fala em anjos de Maria, mas em anjos do Senhor. *“O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.”* Foi Deus que enviou o anjo Gabriel a Maria:

“E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel e enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de Davi: e o nome da virgem era Maria.” (Lc 1.26 e 27)

E onde está escrito que Maria enviou algum anjo a alguém? Em lugar nenhum. Alguém pode chamar Maria de Nossa Senhora e considerar-se servo de Maria enquanto nas Escrituras está escrito que há um só Senhor (Ef 4.5)? Paulo se apresentou aos romanos como servo de Cristo e não como servo de Maria (Rm 1.1), enquanto o sr. Monfort, no livro já citado acima diz: “Pertencemos a Jesus Cristo e a Maria na qualidade de escravos.” Por sua vez, Cristo falou: “*Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.*” (Mt 6.24). Infelizmente o catolicismo tem se dedicado a Maria e desprezado o Cristo, Senhor de toda criação. Se Maria estivesse sabendo como os homens a tem exaltado, certamente, estaria indignada com toda esta adoração.

“Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura (Maria) do que o Criador (Cristo), que é bendito eternamente. Amém. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames...” (Rm 1.25 e 26, os textos entre parênteses é paráfrase do Autor).

Medianeira

O catolicismo afirma que “...temos necessidade dum mediano junto do próprio mediano que é Jesus Cristo”. Tal afirmação rebaixa a pessoa do Senhor Jesus Cristo. Cristo não é suficiente como Mediador? Claro que sim! Então, qual o por que deste “...temos necessidade...” aviltante? Nenhuma palavra foi dita nas Escrituras acerca de Maria como medianeira. Mas o catolicismo acha, de maneira mirabolante, essa necessidade, porque segundo o próprio catolicismo, Maria é menos severa, mais tenra do que Cristo, e diante da mãe o filho não negaria algum pedido.

Observe as palavras que S. Luís Maria Grignon de Monfort (op. cit.) escreveu: “Se recearmos ir diretamente a Jesus Cristo Deus, em vista de sua grandeza infinita, ou por

causa da nossa baixeza, ou ainda, devido aos nossos pecados, imploremos afoitamente o auxílio e intercessão de Maria nossa mãe; ela é boa e tenra; nela não há severidade nem repulsa; tudo nela é sublime e brilhante contemplando-a vemos nossa pura natureza.”

Por que ter receio de Jesus Cristo Deus, que tomou a forma de homem e tocou no homem e se deixou tocar pelo mesmo? Será que quando Cristo renunciou a Sua glória para tomar a forma de homem, não mostrou ser bom, tenro, amável, sublime e brilhante? Será que é necessário uma medianeira para amaciar o coração mais macio que existe e existirá? É evidente que o coração de Cristo é incomparável a qualquer coração humano. “Deus é amor” e o resto é comentário. Na Bíblia não se afirma que Maria é amor. Este argumento do catolicismo é desastroso. A Bíblia é bem clara quando afirma que a mediação de Deus é exclusiva a Cristo. Vejamos:

- **Ele é o único Mediador**

“Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.” (I Tm 2.5)

- **Ele é o único caminho**

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (Jo 14.6)

- **Ele é o único Salvador**

“E nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre homens, pelo qual devamos ser salvos.” (At 4.12)

Maria não é medianeira, e nunca foi. Para haver mediação precisa haver sacrifício por parte do mediador. Qual foi o sacrifício que Maria ofereceu em benefício dos homens? Não vá argumentar que Maria deu seu filho para morrer na cruz. Pois quem deu seu filho unigênito foi Deus Pai (Jo 3.16)

e isto já estava planejado antes da fundação do mundo: “...*Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.*” (Ap 13.8). Maria já existia antes da fundação do mundo? Claro que não! Maria nunca ofereceu sacrifício em benefício dos homens e muito menos ofereceu-se como sacrifício. Só Cristo fez isto:

“Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador dum Novo Testamento...”

Quero concluir o resumido estudo sobre o Catolicismo Romano à Luz das Escrituras dizendo que o nosso objetivo não foi criar um clima de intolerância religiosa entre católicos e evangélicos. Somos a favor da liberdade religiosa “até debaixo d’água”. Os católicos merecem todo o nosso respeito e estes tem a liberdade e o direito de expressar sua fé como quiserem. Uma coisa é o direito a liberdade religiosa, outra é dizer que o catolicismo tem uma doutrina semelhante a dos evangélicos. São doutrinas totalmente distintas. Não pode haver um ecumenismo entre ambos. Devemos dizer não à intolerância religiosa, e também não ao ecumenismo, mas sempre respeitando a principal virtude cristã que é o amor.